

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: OLHARES SOBRE A BONITEZA NA MOBILIZAÇÃO DE CULTURA, SABERES E PRÁTICAS DOCENTES**TEACHER FORMATION: VIEWS ABOUT THE GOOD LOOKING OF CULTURE MOBILIZATION, KNOWLEDGE AND TEACHING PRACTICES****FORMACIÓN DE PROFESORES: PERSPECTIVAS SOBRE LA BELLEZA EN LA MOVILIZACIÓN DE LA CULTURA, CONOCIMIENTOS Y PRÁCTICAS DOCENTES**Shelly BRAUM¹Suzana Caroline da Silveira COUTI²Andréia Paro do NASCIMENTO³Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos FARIAS⁴

RESUMO: O texto tem como objetivo discutir por meio de relato de experiências, a formação docente a partir de metodologias de formação continuada que priorizem e evidenciem a experiência e a cultura do docente no decorrer da sua trajetória de ação. Os assuntos tratados neste artigo emergiram nas aulas da disciplina Formação de Professores, Cultura, Saberes e Práticas, temas tais como: formação docente contínua, autoformação, prática reflexiva, saberes docentes entre outros que permeiam a atividade docente. Os relatos levaram-nos a concluir que a formação de professores deve se constituir a partir da reflexão sobre a ação, do respeito às vozes dos outros envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e da construção da identidade profissional docente. Foi possível fundamentar que o chão da escola é um lugar de formação e autoformação da prática educativa, espaço em que teoria e prática dialogam e que transforme e forme ao mesmo tempo educadores e educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Formação contínua. Identidade profissional. Autoformação.

ABSTRACT: The text has as objective discuss, using reports of experiences, the teaching formation from continuous education methodologies that prioritize and evidences the experience and culture of the teacher in his trajectory of action. The subjects discussed in this article emerged in classes of Teacher formation, Culture, Knowledge and Practices, themes like: continuous teaching formation, autoformation, reflexive practices, teacher knowledge and more that permeate teacher activity. The reports make us conclude that the teacher formation must be made from a reflection of action, respect with others involved in teaching and learning process and construction of teacher professional identity. It was possible to substantiate that the school's floor is a place of formation and autoformation of educative practices, an area where theory and practice dialog themselves, transforms and forms educators and learners at same time.

KEYWORDS: Continuous formation, Professional identity, Autoformation.

¹ Mestre em Educação Escolar. Unir – Universidade Federal de Rondônia. E-mail: shelly.braum@ifro.edu.br.

² Mestre em Educação Escolar. Unir – Universidade Federal de Rondônia. E-mail: suzana.couti@ifro.edu.br.

³ Mestre em Educação Escolar. Unir – Universidade Federal de Rondônia. E-mail: andreia.nascimento@ifro.edu.br.

⁴ Doutora em Educação (UNICAMP). Prof^ª. do Departamento de Matemática e do Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar- MEPE/UNIR. E-mail: katiafarias2014@gmail.com.

RESUMEN: El texto tiene como objetivo discutir a través de relato de experiencias, la formación del profesorado a partir de metodologías de formación continuada que den prioridad y evidencien la experiencia y la cultura del profesor en el curso de su trayectoria de acción. Los temas abordados en este artículo han emergido en la disciplina de clase Formación del Profesorado, Cultura, Conocimientos y Prácticas, como la formación permanente del profesorado, la autoformación, la práctica reflexiva, los conocimientos de los profesores, entre otros que hacen parte de la actividad del profesor. Los relatos nos llevaron a concluir que la formación de los profesores debe ser a partir de la reflexión sobre la acción, del respeto a las voces de otras personas involucradas en el proceso de enseñanza y aprendizaje y la construcción de la identidad profesional del profesor. Fue posible para establecer que la escuela es lugar de formación y autoformación de la práctica educativa, es espacio en que teoría y práctica dialogan y que, al mismo tiempo, transforme y forme los profesores y estudiantes.

PALAVRAS CLAVE:. Formación continua. Identidad Profesional. Autoformación.

Introdução

Este artigo foi construído a partir das discussões e ações realizadas na disciplina *Formação de Professores, Cultura, Saberes e Práticas* ministrada no Programa de Mestrado em Educação Escolar, da Universidade Federal de Rondônia. As questões em jogo foram: Como alguém aprende a ser professor? Como se constrói a formação de professores na atualidade? Quais os saberes necessários à prática docente hoje? Estas perguntas nortearam as nossas discussões e fazeres. Nesta direção as aulas foram pensadas a partir de metodologias de formação continuada que priorizem e evidenciem a experiência e a cultura do docente no decorrer da sua trajetória, como a autoformação (LOSS, 2015), a formação contínua (PIMENTA, 1997) e a formação reflexiva (NÓVOA, 1995; 2009).

Entendemos nos estudos dos textos, entre outras coisas, que a construção da visão e ação do professor se dá também pelo confronto entre teorias e práticas. Constrói-se, ainda, pela mobilização que cada professor, enquanto ator e autor da ação docente, a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor, como nos diz Selma Garrido Pimenta.

Os textos e vivências compartilhados no decorrer das aulas na disciplina do mestrado contribuíram para que todos os dias escrevêssemos acerca dos saberes necessários à prática docente, a partir das nossas próprias experiências e impressões a respeito da temática. A teoria advinda dos textos conversou com a identidade docente que possuímos e construímos no chão da escola.

A metodologia de ação usada na disciplina – dinâmica de exposições dos textos por cada colega, foi fundamental para a reflexão coletiva sobre a formação de professores na atualidade, seu papel social, os saberes necessários à prática docente e nos deu mais clareza a respeito da formação reflexiva, do respeito ao outro e à experiência do outro, da importância de se ouvir as vozes que emergem do processo educativo e contribuem para a constituição da identidade docente.

Todas as leituras e discussões foram importantes para compreendermos o docente como um ser único, com emoções, valores, anseios e saberes diferentes. Esse reconhecimento nos sensibilizou para adotarmos práticas de valorização da subjetividade humana como ponto de partida no processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, como afirmamos anteriormente, reunimos neste artigo visões e entendimentos vivenciados no transcorrer da disciplina *Formação de Professores, Cultura, Saberes e Práticas*. Primeiramente, apresentamos a visão da primeira autora que nos escreve *O olhar sobre o passado contribui para entender a construção do presente (espectros)*; na sequência, apresentamos a segunda autora que aborda: *Um olhar sobre a boniteza possível na mobilização de saberes docentes*, e por último, a autora que apresenta; *O chão da escola, um lugar de formação e autoformação*.⁵ Entendemos que no processo de discussão, escuta e construção de textos, houve uma transformação em nossas visões a respeito da importância da formação docente continuada, compreendendo que a docência se constrói a cada nova situação, nas relações entre os pares, discentes, pais, sociedade e demais sujeitos envolvidos no âmbito escolar.

O olhar sobre o passado contribui para entender a construção do presente (espectros)

“Caminhante, são tuas pegadas o caminho, e nada mais; Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar. Ao caminhar se faz o caminho, e ao olhar para trás, vê a trilha que nunca vai voltar a pisar. Caminhante não há caminho somente estrelas no mar.”
(ANTÓNIO MACHADO)

Concordo em parte com António Machado. Entendo que tudo são rastros. Rastros dos rastros. Constituímo-nos com os outros, como nos diz Jacques Derrida. E na

⁵ A partir do item 2, optamos por escrever na primeira pessoa do discurso, pois como se trata de um texto narrativo podemos dar mais vida à escrita.

valorização desses rastros enfatizamos aspectos históricos da formação de professores no Brasil, e especificamente, na Província do Rio de Janeiro, no século XIX, período da institucionalização da profissão docente (FARIAS, 2014).

Desde sempre na história do Brasil, penso que houve a intenção de fazer com que as formações fossem unificadas para servir de algum modelo: seja o de doutrinar os nativos com a escola jesuítica (esta inaugurada apenas 15 dias após a chegada dos portugueses por aqui), seja no século XVIII com Marquês de Pombal tentando modernizar a colônia portuguesa (inserindo assim as mulheres na educação para que os homens pudessem ocupar as direções e as fábricas), seja na visão positivista de nação na qual foi concebida após a Proclamação da República. Alguns exemplos práticos são a Escola Normal da Província do Rio de Janeiro, o método Lancaster ou o método de Ensino Indutivo, todas elas têm em comum a imposição da formação aos moldes do governo (FARIAS, 2014).

No Brasil, no século XIX, para os representantes do poder político, foi de suma importância o discurso de unidade nacional para que o país nunca ‘perdesse’ a soberania nacional, sua moral e seus bons costumes. E usaram a escola como palco para essas representações. Aí se encontram os *rastros* da palavra formação remeter à forma, molde⁶.

O referido discurso sempre foi proferido pelos governantes, por isso ser impossível dissociar escola e política. Quem pensa que escola é lugar neutro, precisa olhar mais criticamente este mundo. Fomos usados muitas vezes para servir aos interesses das instituições sociais superiores, mas sempre houve embate e luta ideológica (FARIAS, 2014).

Porém, por ser a escola um mundo complexo e multicondicionado, nem sempre os organismos de controle alcançam seus objetivos de doutrinar o professor e a massa, pois, a cada dia que passa, o professor vem criando a consciência que seu papel vai muito além da transmissão de conteúdos (FREIRE, 2011). Este é um ser pensante, capaz de promover o processo da própria formação e de seus pares. Isto ficou mais evidente no final da década de 70 e década de 80 do século XX, quando a luta pela redemocratização do país ganhou as ruas e, conseqüentemente, as escolas. Começava-se a luta pelo acesso de todos à escola, por condições melhores de trabalho, da escola humanizada e humanizadora, inclusive na formação inicial, continuada ou contínua. E

⁶ Fonte: <https://www.dicio.com.br/>

esta formação deixa rastros por onde passa. Seja para aprimorá-la ou não repeti-la nunca mais, os saberes desenvolvidos, testados, re-testados, aceitos, rejeitados, em suma, ressignificados, são primordiais para a evolução do ser-professor.

Neste sentido, os textos explorados em sala pelos colegas durante a disciplina *Formação de Professores, Cultura, Saberes e Práticas* enriqueceram o entendimento do que é ressignificar. Embora alguns textos se repetissem, sempre pareciam ser outro texto, pois cada um trazia para a sua prática cotidiana e rediziam-nos de forma renovada, com o olhar de quem carrega uma formação, uns saberes, uma história...

Foi assim com o texto que dividi com a colega artista da sala⁷. Primeiramente apresentei o texto de Sônia Maria Claretto *Como alguém aprende a ser professor? Políticas cognitivas, aprendizagem e formação do professor* (2011) e acreditei ter passado por todas as fases que a autora elenca que um professor passa. Tomei para mim aquele texto e tive a certeza que o passei de forma segura e clara para a sala. Entretanto, quando a colega artista apresentou o texto, ela o fez em forma de canção, dando tarefas a todos da sala, unindo-nos em uma só voz. Estupendo!

Tardif (2014) também partilha deste pensamento, quando afirma que estamos sempre em relação com os outros, formando uma teia em que podemos conhecer e partilhar valores, atitudes sentimentos e símbolos. Também diz que essa relação nos torna seguramente capazes de ensinar e de atingirmos bom desempenho na prática profissional.

Presenciar esta verdade apenas enriqueceu o processo de formação pelo qual estamos passando neste Mestrado Profissional em Educação. Os contextos em que os saberes são produzidos e compartilhados faz toda a diferença no significado que ele assume.

Este partilhar dos saberes nos faz chegar à conclusão que o conhecimento é e sempre será um construto social. Dependemos desta interação para que o conhecimento de fato ocorra. Neste mesmo entendimento:

O conhecimento é um processo para o qual colaboram aqueles envolvidos na prática da sala de aula, ou seja, compartilha-se aqui da ideia de que o conhecimento é uma construção social. [...] assim, a negociação patente na interação entre professor e aluno é que vai levar à construção de um conhecimento comum entre eles. (MOITA LOPES, 1996, p. 95-96).

⁷ Mestranda Ezenice Costa de Freitas Bezerra

Sendo assim, a formação continuada deve partir destes saberes compartilhados no chão da escola. E deve ser contínua, pois não pode servir apenas para complementar a formação inicial, mas deve dar conta deste cenário dinâmico que é a escola, partindo para o que Capistrano (2012, p. 4947) chama de “desenvolvimento profissional”.

Este desenvolvimento profissional, por sua vez, tem que transpor as barreiras que a atual escola brasileira nos impõe. E a autoformação contribui para que pensemos mais além de nossa caixa e que enxerguemos que há inúmeros significados em todos os fazeres e não-fazeres da nossa prática pedagógica. Nesse sentido,

A autoformação é a construção de sentido aos nossos sentidos, é a busca do significado de quem somos e para onde queremos ir. Assim, autoformar-se é constituir sentido aos afazeres cotidianos, às aprendizagens, às experiências e aos conhecimentos. (LOSS, 2015, p. 3).

A busca por ser uma pessoa e profissional que é inteligente emocional, social e profissionalmente é a chave da autoformação. Um educador que cuida de si, dos outros e do seu trabalho tem maiores chances de ser mais produtivo, mais amigo, mais feliz, pois com certeza será alguém ético, que consegue sair de si para enxergar melhor as situações. Morin (2007, p. 93) diz: “A auto-ética é, antes de tudo, uma ética de si para si que desemboca naturalmente numa ética para o outro”.

E a responsabilidade dessa formação, segundo Nóvoa (2009), cabe à formação contínua e continuada:

A formação deve contribuir para criar nos futuros professores hábitos de reflexão e de auto-reflexão que são essenciais numa profissão que não se esgota em matrizes científicas ou mesmo pedagógicas, e que se define, inevitavelmente, a partir de referências pessoais. (NÓVOA, 2009, p. 40).

Loss (2015) reafirma esta visão de Nóvoa (2009), no tocante à responsabilidade das academias que oferecem as mais diversas formações, de exercer um currículo não engessado. Um currículo que possibilite “uma formação inter e transdisciplinar para que os profissionais possam desenvolver em seus locais de trabalho a religação de saberes frente aos diferentes objetos e situações”. (LOSS, 2015, p. 16).

Esta visão fez com que o meu entendimento em relação aos meus colegas modificasse. Todos têm algo a acrescentar na minha experiência e vice-versa. Creio que estou na fase da professora modo-criança: a que tem curiosidade sobre tudo, que vê com

o olhar simples que tudo encanta. É pura invenção. Sentidos aguçados para o novo. Atenta para não cometer erros passados e fazer de novo, tudo novo (CLARETO, 2011). Atenta aos rastros, construímos e nos constituímos com os outros.

Um olhar sobre a boniteza possível na mobilização de saberes docentes

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.

(PAULO FREIRE)

Para começo de conversa tenho que confessar que para mim a disciplina *Formação de Professores, Culturas, Saberes e Práticas* do Mestrado Profissional em Educação foi a mais esperada de todas, já que se tratava da temática que me propus a pesquisar. Além disso, foi ministrada por ninguém mais, ninguém menos que, minha professora orientadora. Aliás, eu ainda não a conhecia pessoalmente, já havíamos conversado por telefone, e-mail e redes sociais, mas frente a frente ainda não!

Conhecer a pessoa que iria me conduzir, avaliar, propor leituras e ações na árdua tarefa de pesquisar foi fundamental para que alguns dos meus medos e inseguranças a respeito da pesquisa se esvaíssem. Não posso dizer que foram todos embora, até porque estamos no início do processo da pesquisa, mas reconhecer na professora um perfil ético, organizado e amoroso me fez acreditar ainda mais que seria possível fazer um bom trabalho. Senti-me como uma criança que vai à escola no primeiro dia de aula ansiosa por conhecer a nova professora e esse encontro é marcado pela afetividade, alegria e principalmente, o respeito que tem o poder de despertar motivação e marca positiva e profundamente o processo de ensino e aprendizagem.

Agora, rememorando as aulas, chego à conclusão que nós adultos continuamos como as crianças, adolescentes e jovens que projetam em seus professores expectativas de mudança, de transformação, de acolhimento mesmo sem nos darmos conta. E com essa expectativa fui recebida por ela, professora orientadora! Ainda no corredor à porta da sala de aula, com um abraço e um sorriso capaz de “quebrar todo o gelo”. Senti-me em casa, abraçando alguém muito íntimo, me enchi de contentamento e confiança e assim iniciamos nossa jornada de estudos, debates e reflexões sobre a formação de professores.

Na verdade, minhas reflexões acerca de ser professor iniciaram naquela recepção, pois o carinho e a postura da professora só reiteraram a ideia de Freire quando afirmou que ensinar exige querer bem aos educandos e nessa perspectiva:

[..] ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da busca da boniteza e da alegria [...]. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria, sem a qual a prática educativa perde o sentido. (FREIRE, 2006, p. 142).

No papel de aprendiz, fiquei encantada com a simplicidade, com a fala doce e comedida de quem tinha muito conhecimento para compartilhar, mas acima de tudo, estava ali para ouvir as vozes emergentes de uma turma composta por profissionais da educação com saberes e experiências capazes de enriquecer qualquer aula.

Assim, fomos construindo conhecimentos imersos em um processo de apropriação da teoria e reflexão sobre a prática em que as realidades vividas por cada colega, circundantes de cada espaço de trabalho, de cada formação inicial e continuada puderam ser apresentadas em uma relação dialógica e respeitosa. Mais uma vez vivenciamos, como discentes, a premissa de Freire (2006) que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, pois esses saberes foram socialmente construídos e devem ser relacionados com o ensino dos conteúdos propostos.

A professora (minha orientadora) falou acerca de sua experiência como pesquisadora e a importância de adentrarmos no *corpus* da pesquisa para que a mesma ganhe verdadeiro significado, e concluiu citando a célebre frase do poeta António Machado que diz “o caminho se faz caminhando”. Como foi bom escutar isso, pois até o momento só havia pensado nas dificuldades, na dureza e rigor da pesquisa. Foi aí que comecei a perceber que esse processo pode ser leve e prazeroso e que certamente a sensibilidade tem espaço privilegiado na pesquisa em educação sob uma perspectiva bem mais humanizadora que as das pesquisas de outrora.

Em seguida, nos foi apresentada uma construção histórica da formação docente no mundo e mais especificamente no Brasil. A educação, vista como um processo de escolarização, sempre foi considerada como parte de um contexto sócio histórico em que se pretendia formar homens dentro de um padrão permeado por uma ideologia que atendesse a determinados propósitos da sociedade.

No decorrer das aulas muitos textos foram problematizados, apresentados a partir do que cada aluno considerou relevante. Cada apresentação revelou o olhar, os

sentidos e impressões individuais do que se considerava relevante. A turma foi estimulada a participar o tempo todo, ninguém ficou calado em um canto esquecido da sala. Nesse processo de interação, cumpriu-se o que propõe Tardif (2014) quando afirma que:

O docente não atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos. A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão que possuem, geralmente, um caráter de urgência. (TARDIF, 2014, p. 49).

Nas aulas, respeitou-se a essência humana, pois cada um pode falar a respeito do que lhe toca na atividade docente, pontes de saber foram construídas a partir da relação teórica e prática, levando-nos a pensar mais criticamente sobre o papel do docente na sociedade.

Muito do que foi exposto, debatido e exemplificado chamou minha atenção, mas alguns conteúdos ganharam destaque como a perspectiva de professor reflexivo, de acordo com Schön e as ideias de autoformação no processo formativo do profissional da educação focadas no terreno profissional, assim sintetizadas por Pimenta (1997):

Configurando-se como uma articulação possível entre pesquisa e política de formação, as novas tendências investigativas sobre formação de professores valorizam o que denominam o *professor reflexivo* (SCHÖN, 1990; ALARCÃO, 1996). Opondo-se à racionalidade técnica que marcou o trabalho e a formação de professores, entende-o como um intelectual em processo contínuo de formação. Enquanto tal, pensar sua formação significa pensá-la como um *continuum* de formação inicial e contínua. Entende, também, que a formação é, na verdade, autoformação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares. É nesse confronto e num processo coletivo de troca de experiências e práticas que os professores vão constituindo seus saberes como *praticum*, ou seja, aquele que constantemente reflete *na* e *sobre* a prática. (PIMENTA, 1997, p. 11).

Partindo do que foi exposto, compreendi que para falarmos de formação docente, precisamos ter claro nossos conceitos a respeito do que consideramos ser educação e para que fins queremos utilizá-la. Para tanto, a docência requer que o profissional seja capaz de refletir coletivamente sobre sua prática e ressignificar suas

ações de forma crítica. Nesse sentido, os professores são encarados como colaboradores e parceiros nas práticas formativas.

As discussões levaram-nos a compreender que a formação de professores é muito complexa e multicondicionada, pois depende intrinsecamente do tempo e espaço em que é desenvolvida. Entendemos que a sociedade muda e que as novas práticas socioculturais determinam fortemente o processo de formação de professores. São os objetos culturais, crenças, valores e relações de poder que retratam o perfil do professor a ser formado.

A profissão docente sofreu mudanças ao longo dos séculos e a luta por valorização foi determinante para o fortalecimento da profissão por meio das lutas sindicais. No entanto, o que se vê atualmente é uma quebra na identidade profissional docente, pois muitos deles não se reconhecem como agentes transformadores da sociedade. Logo, não há unidade na luta pela valorização da profissão e vemos a cada dia docentes serem tomados pela decepção ao adentrarem em suas escolas e se depararem com os diversos problemas que as circundam. A respeito disso, Pimenta (1997) esclarece-nos que:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Como, também, da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações, porque estão piores de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias, constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor. Assim, como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos. (PIMENTA, 1997, p. 5).

A professora da disciplina trouxe uma importante reflexão sobre o adoecimento dos docentes ocasionado pelas diversas mazelas que permeiam a educação brasileira⁸. A insatisfação do professor é evidente, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares e essa profissionalização tão complexa torna-se um processo ainda mais difícil de acontecer, pois abrange aspectos políticos, culturais, pedagógicos, entre outros.

⁸ Para aprofundamento da temática sugerimos a leitura do artigo intitulado *Vidas de professores de matemática: o doce e o dócil do adoecimento*, de Antonio Miguel, docente da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Isso porque o acesso à escola foi democratizado nos últimos anos do século XX e, com essa democratização a diversidade foi inserida na escola. No entanto, equipes pedagógicas e docentes não estavam e ainda não estão preparados para lidar com as várias facetas da educação para todos, fato que muitas vezes determina a não efetividade do ensino público básico. Diante dessa problemática, entendemos que o processo de formação inicial e continuada é ponto crucial para que a educação se desenvolva, pois a partir delas, o professor tem condições de problematizar os aspectos reais que envolvem a docência e tomar novos rumos em sua prática, ressignificando-a, tornando-a mais viva, dinâmica e crítica.

Nesse momento, a turma agitou-se para compartilhar suas experiências a respeito dessa desmotivação com a educação. O que me chamou a atenção foi o relato da colega Clara que descreveu o fato de ser surpreendida ao encontrar um professor extremamente criativo e competente que conhecia, em uma padaria. O professor dava aula em escolas particulares do município de Vilhena. Ao cumprimentá-lo, disse:

_ Bom dia, professor! Tudo bem?

_ Bom dia, estou bem, obrigado!

_ E aí, o senhor continua dando aquelas aulas animadas e produtivas? E ele rapidamente respondeu em tom desanimador: Imagina! Não dou mais aulas! Me decepcionei muito, aqueles “meninos”, (referindo-se aos discentes) não querem nada com nada, não tem interesse de aprender!

_ Mas e daí? E agora, o que o senhor está fazendo?

O ex-professor respondeu:

_ Essa padaria é minha! Agora estou tranquilo, estressando-me menos e ganhando mais!

Esse relato desencadeou discussões acaloradas sobre a temática, pois todos tinham uma experiência a relatar sobre a crise enfrentada pelo docente brasileiro.

Diante desse relato, surgiu o seguinte questionamento chave: Como mobilizar o sujeito a aprender? Como proporcionar o conhecimento verdadeiramente significativo de forma que atenda às necessidades da vida? Chegamos à conclusão de que não existem formas prontas e acabadas, mas sim vários rastros... Um dos caminhos seria compreender a prática educativa como ação reflexiva? Nessa relação de ensino e aprendizagem precisamos compreender que, nós professores, não somos apenas repetidores de conteúdos, fórmulas e técnicas, mas atuamos diretamente na construção do humano, já que “o sentido da docência se encontra na humanidade, em fazer no outro

a humanidade: esculpindo no outro, pelo fazer humano, valores, personalidade e caráter, fazendo o outro sujeito de si” (CAMPOS, 2012, p. 9).

Por fim, afirmo categoricamente que esse período de formação abriu nossos horizontes e despertou o nosso olhar sobre a beleza de se ensinar e aprender quando há respeito a si mesmo e aos outros. Aprendemos a partir de uma metodologia de ensino participativa e crítica, mas acima de tudo, aprendemos pelo exemplo tão bem aplicado por nossa professora. Finalizamos a disciplina cheios de esperança de que é possível construir a educação que realmente forma para transformar, munidos das armas do amor e dos valores humanos.

O chão da escola, um lugar de formação e autoformação

“O cuidar de si repercute numa ética de si mesmo, eu sou responsável pelo que sou. Quando tomada a consciência da responsabilidade com o si mesmo, indubitavelmente, tem-se a responsabilização com o outro, pois o Eu somente é na relação com o outro. O cuidar de si é uma dimensão humana que precisa ser aprendida, vivenciada e experienciada ao longo da vida.”

(LOSS)

Entender o processo formativo do educador é entender o dia a dia dessa construção e a Disciplina *Formação de Professores, Cultura, Saberes e Práticas* tocou-me pela grandeza e sabedoria das palavras proferidas pela professora (responsável pela disciplina) no tocante à importância do chão da escola como espaço de formação e autoformação.

Neste espaço a vida da pessoa professor, sua história, seus anseios e valores comungam ao mesmo tempo com outras pessoas e os aspectos pessoais são indissociáveis dos profissionais. Assim, durante as aulas, reportava-me às experiências enquanto docente e como coordenadora pedagógica, os desafios que são lançados no dia a dia de nossas práticas educativas, por exemplo, ter sabedoria de conviver e ouvir o outro e ao mesmo tempo aprender com o outro.

A respeito disso, Freire (2006, p.119) nos apresenta que “escutar é algo que vai além da possibilidade auditiva de cada um é dar abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. É escutando bem que me preparo para melhor me situar do ponto de vista das ideias”. Portanto, pude inferir que as experiências compartilhadas pelos mestrandos nos possibilitaram um maior conhecimento de nós educadores, na

construção da identidade profissional, compreendemos que precisamos estar em constante reflexão do nosso fazer pedagógico a partir do trabalho coletivo. A coletividade, a partilha das experiências pode superar muitas dificuldades nas práticas docentes, pois a cada dia o docente passa por um processo de transformação.

À luz dessas ideias entendemos que a coletividade no espaço educativo constrói a identidade e a história desse profissional bem como a dialogicidade entre educadores é fundamental para a consolidação de saberes necessários à prática profissional, fortalecendo assim dimensões emancipadas, autônomas dos seus saberes e dos seus valores (NÓVOA, 1995).

No entanto, trabalhar na coletividade é ter também sabedoria de lidar com as diferenças, respeitar o outro, ter bom senso, compartilhar experiências práticas, utilizar os trabalhos teóricos para iluminar um trabalho de equipe. Portanto, no caminhar da docência, é importante afirmar que a formação docente é definida pelas e nas reflexões e nas interações do convívio da docência.

Outro fato que chamou a atenção foram as discussões a respeito de uma sociedade que urge práticas pedagógicas capazes de superar os dilemas encontrados no processo de ensino e aprendizagem, pois o século XXI trouxe muitas incertezas ao saber docente, não basta mais a formação curricular das universidades. Contudo, esse novo saber docente envolve uma construção inacabada, em que construção, desconstrução e reconstrução da prática pedagógica estão dialeticamente inseridas em uma sociedade em constantes transformações.

E diante de tantas mudanças vivenciadas pela nova sociedade, deparamo-nos com a necessidade de nos apropriarmos de múltiplos conhecimentos. Atualmente, o docente precisa conhecer a história, política, cultura, além de ser um pesquisador para que se torne sujeito de sua própria prática docente (FREIRE, 2006).

Nesta visão, como ser pesquisador de nossa própria prática educativa? Permeando as discussões realizadas nesta disciplina foi possível fundamentar que o chão da escola é um lugar de formação e autoformação da prática educativa, espaço em que teoria e prática dialogam e que transforma e forma ao mesmo tempo educadores e educandos. Experiências compartilhadas que iluminaram rastros da identidade profissional que está em constante formação, como bem iluminou nossos pensamentos a Professora da disciplina, “só somos o que somos, com o outro, constituímo-nos um com o outro”.

Nessa perspectiva, esse espaço formador é o caminho que nos leva à construção da identidade profissional e nessa caminhada nas relações uns com os outros constituímos-nos profissionais. Portanto, entendemos que ser docente é uma responsabilidade social, para isso, o compromisso é fundamental no seu desenvolvimento. Portanto, Loss (2015, p.3) enfatiza que “o processo de formação pessoal, social e profissional que é um processo que se constitui ao longo da vida, e necessitamos vivenciar e fazer experiências nos espaços educativos com propostas de autoformação”.

Nessa perspectiva de autoformação, podemos destacar também o que Freire (2006, p. 97) preconizava que “o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito”. O educador que se permite agir e refletir sobre sua prática mergulha em um processo de formação de aprendizagem democrática e torna-se um pesquisador de sua formação. Para tanto, as discussões mostraram que a formação de professores no contexto contemporâneo tem que ir além de uma formação conteudista e reconhecer a subjetividade do ser docente. Precisamos estar atentos e preparados para uma prática pedagógica que atenda a tantas diferenças culturais e sociais presentes no cotidiano escolar.

Ainda nesse mesmo entendimento:

A autoformação é um processo significativo que desperta os sujeitos à ampliação da consciência, ou seja, à tomada de decisões frente à maneira de ser e de se relacionar consigo mesmo e com o outro. Ela possibilita o autoconhecimento das subjetividades humanas para a constituição da sensibilização e da autotransformação do eu individual e coletivo (LOSS, 2015, p. 05).

Para tanto, a autoformação é constituída de um profissional pesquisador, consciente das necessidades de estar sempre atualizado, e nessa tessitura,

Saber por que se ensina, para que se ensina, para quem e como se ensina é essencial ao fazer em sala de aula. O professor precisa estar em constante formação e processo de reflexão sobre seus objetivos e sobre a consequência de seu ensino durante sua formação, na qual ele é o protagonista, assumindo a responsabilidade por seu próprio desenvolvimento profissional. (PAIVA, 2008, p.92).

Conforme as discussões ora apresentadas, é necessário ter clareza da função do professor no cotidiano escolar, saber qual é o significado do seu trabalho, como contribuir com a formação crítica dos educandos em uma perspectiva emancipadora do

futuro cidadão, enfim qual é a função social dos conhecimentos construídos entre educando e educador.

Diante desse novo paradigma da profissionalização docente, observamos também durante as apresentações dos mestrandos a vertente do professor “modo criança”, aquele preocupado com a invenção, o encantamento, as virtualidades, pois o modo-criança cria novos valores, é inventivo. Conforme Clareto (2011) a metamorfose do professor modo criança anunciadas por Zarathustra de Nietzsche na formação de professores não despreza as formas, mas vai em direção a criatividade. Portanto, a ação da criança, a inocência não pode se perder na formação docente, do ser professor, assim Clareto afirma que:

A formação de professor *modo-criança* não despreza as formas – os conteúdos, os procedimentos didático-metodológicos, os cursos de formação, as novas metodologias –, mas produz um movimento constante de involução, de dissolução das formas criadas em prol de formas inventivas: mais abertas, mais porosas. O *modo criança* na formação do professor compreende a formação como um processo aberto e permanentemente inacabado. Uma formação que se constitui na resistência permanente a tudo que se toma como natural – o já constituído e instituído – no processo formativo ou no processo educativo. Uma proposta de resistência permanente. Resistir. (CLARETO, 2011, p. 58, 59).

Quando apresentada para a turma, essa temática nos permitiu realizar profundas análises do eu professor, nos possibilitou uma metarreflexão do eu docente enquanto corpo e mente e o eu professor na prática docente e que devemos entender a educação e a formação docente como processo constante e não algo pronto e acabado. Compreendemos que a ação criança, a inocência, não pode se perder na formação docente, do ser professor, como também a história de vida, sua origem, não é desvinculada do profissional docente.

Foram essas reflexões que possibilitaram compreender a dimensão do conhecimento que devemos nos apropriar enquanto educadores para que haja efetivo desenvolvimento profissional.

Podemos afirmar que a disciplina *Formação de Professores, Cultura, Saberes e Práticas* foi muito importante, mexeu com nossas emoções, nos ajudou a entender o que compõe a subjetividade na formação do profissional docente.

Outro momento que considero importante nas discussões realizadas pelos colegas, foi o texto que abordou a docência e modos de subjetivação: dissoluções

genealógicas e o cuidado de si de (SCHULER, 2016). Uma teoria que ilumina e traz reflexões da subjetividade do ser docente, que constitui o desenvolvimento do profissional docente e a dissolução das práticas docentes com um novo olhar.

Trata-se de uma análise das relações de forças, tomando as práticas pelas quais as pessoas são compreendidas e pelas quais se age sobre elas, ou seja, a questão genealógica: como nos tornamos o que somos? Uma investigação dos modos de trabalho dos indivíduos sobre si mesmos que poderia problematizar essa consciência dada em si mesma. Nesse sentido, pode-se problematizar as identidades em relação à docência, tais como: instrutora, avaliadora, salvadora, inclusora, transmissora, conscientizadora, transformadora, explicadora e de bom pastor, com todos os efeitos de poder e de subjetivação com os quais estão envolvidas. (SCHULER 2016, p. 138-139).

Nessa perspectiva, a docência compreende modos de existência, é o cuidado de si, é a dissolução de seus valores e atitudes na relação um com o outro na construção do saber, é o centro do processo de ensino e aprendizagem.

Iluminando essa teoria, a professora da disciplina abordou que o principal instrumento do trabalho docente é seu corpo, portanto, é imperativo amar-se, autoavaliar-se. Além dos conhecimentos filosóficos e epistemológicos, o professor precisa conhecer seu corpo, todo o conjunto do seu ser para ter condições de planejar e executar mudanças necessárias ao seu desenvolvimento profissional.

Posso concluir que as discussões e experiências compartilhadas contribuíram significativamente com a minha formação. Assim, a partir da frase citada por uma mestranda, “*a vida da gente deve marcar outra vida*”, posso dizer que esta disciplina e a dinâmica dessa formação realizada pela professora marcou minha vida significativamente com um aprendizado que permeará o meu ser pessoal e profissional.

Considerações finais

O Mestrado Profissional em Educação Escolar nos proporcionou momentos de formação, encontros e compartilhamentos de saberes que certamente iluminarão nossas práticas daqui em diante. Ficou claro para todas nós que a profissão docente requer habilidades e competências que vão além do domínio de conteúdo, didática e metodologia de ensino. Ser professor é estar disposto a formar-se continuamente. É uma busca constante por conhecer como as pessoas se movem no mundo e, principalmente, como o mundo tem reagido à ação humana.

O professor de excelência não se limita ao cumprimento de programas e roteiros pré-estabelecidos, mas reconhece em si mesmo o poder para mudar a realidade em que ele próprio e seus alunos vivem. A docência exige sensibilidade, traquejo, criatividade, conhecimento, ética e, acima de tudo, amor.

Aprendemos, na prática, que é possível ensinar sem autoritarismo, respeitando o outro e aquilo que o outro traz consigo. O exemplo nos foi dado, naturalmente, não somente pela teoria que lemos e relemos através de cada voz, mas por realmente vivenciarmos a tal beleza que Freire tanto falou.

A docência é construída passo a passo, não acontece por acaso sem busca ou sem esforço, depende não somente do indivíduo que se propôs a ensinar, mas de todos os que assumiram tal papel perante a sociedade. O professor não se forma sozinho, pois para ensinar precisa de alguém que aprenda: e esse aprendizado não é estático, é dinâmico e como um bumerangue volta para quem o lançou.

O caminho pelo qual o professor anda é repleto de pessoas que imprimem suas formas de pensar e agir, seus quereres, seus valores. Assim, o verdadeiro professor é capaz de respeitar as diferenças e com elas promover a construção do conhecimento de forma igualitária e democrática.

Expressões como formação continuada, autoformação, reflexão e pesquisa sobre a prática conduzem-nos a um único entendimento: o professor é capaz de transformar pessoas quando reconhece seu papel social e entende que para atingir esse objetivo a transformação deve ocorrer em si mesmo, constantemente. Para isso, a identidade do profissional docente deve ser solidamente construída para que os problemas que assolam a educação não sejam suficientes para adoecer o professor, desestimulando-o e enfraquecendo-o.

Concluimos que o corpo do professor é o principal instrumento no processo de ensino e aprendizagem, portanto, o cuidado de si e o respeito a sua subjetividade são fundamentais para que a educação do nosso país melhore. O movimento para que isso ocorra não deve ser de fora para dentro das escolas, e sim, de dentro para fora, a partir das ações e reflexões coletivas.

Referências

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CAPISTRANO, Naire Jane. Formação continuada e ressignificação de saberes da educação física na educação infantil. In: **Anais do XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**. Livro 2, p. 4946 - 4957. Campinas, Junqueira & Marin Editores, 2012. Disponível em: <endipe.pro.br/site/eventos-antecedentes/>. Acesso em 18 dez. 2016.

CLARETO, Sônia. Como alguém aprende a ser professor? Políticas Cognitivas, aprendizagem e Formação do Professor. In: **Formação de Professores, Culturas: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Livro 2, p. 51 – 61 Orgs.: FONTOURA, H; SILVA, M. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. Disponível em: www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/ebook2.pdf. Acesso em: 18 dez. 2016.

FARIAS, Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos Farias. **Práticas mobilizadoras de cultura aritmética na formação de professores da Escola Normal da Província do Rio de Janeiro (1868–1889): ouvindo fantasmas imperiais**. 2014. 405p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação – Campinas, SP, 2014. Disponível em: <<http://www2.fc.unesp.br/enaphem/sistema/trabalhos/49r.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LOSS, Adriana Salete. A autoformação no processo educativo e formativo do profissional da educação. 2015 Trabalho apresentado no GT 08: Formação de Professores. **Anais 37ª Reunião Científica da ANPEd – UFSC**, Florianópolis, 4 – 8 de out. 2015. Disponível em: < www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt08-3479.pdf > Acesso em: 20 dez. 2016.

MACHADO, Antonio. **Extracto de Proverbios y cantares (XXIX)**. Disponível em: <http://www.poemas-del-alma.com/antonio-machado-caminante-no-hay-camino.htm>. Acesso em: 16 dez. 2016.

MOITA LOPES, Luiz. Paulo da. **Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas, Mercado de Letras, 1996.

MORIN, Edgar. **O Método 6: Ética**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NÓVOA, António. **Professores Imagens do futuro presente**. Educa: Lisboa, 2009.

_____. A formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e sua formação**. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995, p. 13-33.

PAIVA, Maria Auxiliadora Vilela. O professor de Matemática e sua formação: a busca da identidade profissional. In: NACARATO, Adair Mendes; PAIVA, Maria Auxiliadora Vilela (Orgs.). **A Formação do Professor que Ensina Matemática: perspectivas e pesquisas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores – saberes da docência e identidade do professor. **Nuances**, V. III, p. 5-14, 1997. Disponível em: <
<https://revistanuances.wordpress.com/volumes/>>. Acesso em 20 dez. 2016.

SCHULER, Betina. Docência e modos de subjetivação: dissoluções genealógicas e o cuidado de si. **Revista Educação em Questão**, v. 54, n. 40, p. 129-152, jan./abr. 2016. Disponível em: <
https://scholar.google.com.br/scholar?q=Schuler%2C+Betina.+Doc%3%AAncia+e+modos+de+subjetiva%3%A7%C3%A3o%3A+dissolu%3%A7%C3%B5es+geneal%3%B3gicas+e+o+cuidado+de+si.+Revista+Educa%3%A7%C3%A3o+em+Quest%3%A3o%2C+Natal%2C+v.+54%2C+n.+40%2C+p.+129-152%2C+jan.%2Fabr.+2016.&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5>. Acesso em: 15 de dez. 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

Enviado em: março de 2017.

Aceito em: junho de 2017.

Como referenciar este artigo:

BRAUM, S.; COUTI, S. C. da S.; NASCIMENTO, A. P. do; FARIAS, K. S. C. S. Formação de professores: olhares sobre a boniteza na mobilização de cultura, saberes e práticas docentes. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 4, n. 8, p. 47-65, mai/ago, 2017. Disponível em:
<<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA>>. e-ISSN: 2359-2087.